



## GEOGRAFIAS MENORES: POTÊNCIAS DE EXPRESSÃO entre imagens, pesquisa, educação

Wenceslao Machado de Oliveira Jr.  
wences@unicamp.br

---

Professor Doutor da Faculdade de Educação  
da Universidade Estadual de Campinas  
(Unicamp). Endereço: Av. Bertrand Russell,  
801. Cidade Universitária "Zeferino Vaz". CEP  
13083-865. Campinas/SP.

### RESUMO

O ensaio relata o processo de criação de uma expressão na língua, "geografias menores", como exigência e possibilidade do próprio processo de pesquisa e escrita em torno de um problema específico: as potencialidades que emergem das relações entre as imagens, a educação e a geografia. A expressão é apresentada como uma criação coletiva, desdobrada de muitos intercessores; como uma ferramenta conceitual e como um combate, no campo da linguagem, pela experimentação de outros, insuspeitados, percursos de pensamento que atuem com força de minoria nos contextos já estabelecidos, maiores, da Educação e da Geografia.

### PALAVRAS-CHAVE

Imagem, Educação Menor, Experimentação.

MINOR GEOGRAPHIES: POTENCIES OF EXPRESSION -  
among images, research, education

ABSTRACT

The essay reports the process of creating an expression in the language, minor geographies, as demand and possibility of the research process itself and writing around a specific problem, the potentialities that emerge from the relationships between images, education and geography. The expression is presented as a collective creation, unfolded by many intercessors; as a conceptual tool and as a combat in the field of language, by the experimentation of others, unsuspected, thought paths that act with minority force in the already established contexts, major ones, of Education and Geography.

KEYWORDS

Image, Minor Education, Experimentation.

*As línguas menores não existem em si:  
existindo apenas em relação a uma língua maior,  
são igualmente investimentos dessa língua  
para que ela devenida, ela mesma, menor.*  
Gilles Deleuze e Félix Guattari

*Menor é aquela prática que assume sua marginalidade  
em relação aos papéis representativos e ideológicos da língua  
e que aceita o exílio no interior das práticas discursivas majoritárias,  
formulando-se como estrangeiro na própria língua, gaguejando  
e deixando emergir o sotaque e o estranhamento de quem fala fora do lugar  
ou de quem aceita e assume o não-lugar como seu deserto,  
na impossibilidade de uma origem.*  
Karl Erik Schollhammer

*Se a aprendizagem é algo que escapa, que foge ao controle,  
resistir é sempre possível.*  
*Desterritorializar os princípios, as normas da educação maior,  
gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto.*  
Sílvio Gallo

## Inventar palavras para expressar algo do mundo: combates produtivos

Início dizendo da estranheza e alegria de escrever sobre algo que foi gestado em meu próprio percurso de pesquisa e escrita<sup>1</sup>. A situação a que fui levado pelo convite<sup>2</sup> para falar das “geografias menores” é desassossegadoramente inusitada, pois me coloca diante da vaidade e da limitação acadêmicas, na medida mesma que sou levado a citar a mim mesmo e a revisitar autores e escritos, na busca de pistas para explicar algo que tem sido um longo investimento intelectual, tão engajado e conceitual quanto lúdico e afetivo: inventar palavras para conseguir expressar algo para o qual não encontrei outras.

A seguir trago aos leitores<sup>3</sup> um texto que é, sobretudo, um contexto. Trata-se do contexto de pesquisa que me pressionou a inventar a expressão que tematiza esse texto. Esse contexto é aquilo que me parece melhor situar o leitor nas matérias do mundo que pressionavam meu corpo a dar-lhes expressão e apontar que meu corpo de pesquisador apenas deu passagem para que essas matérias do mundo pudessem se expressar em palavras e, com isso, tornar-se sensíveis e, portanto, operantes no mundo comum. Busco assim dizer que a expressão “geografias menores” é um devir do mundo através de meu corpo-escrita, e que somente nesse sentido a entendo como algo por mim mesmo inventado, invenção essa que só se deu devido aos meus combates pelas imagens (uma das matérias do mundo que pressionam meu corpo) nas pesquisas na área de Educação (outra das matérias do mundo que “me” pressionam) moduladas por preocupações geográficas (a terceira das matérias do mundo que “me” pressionam). Esse combate pelas imagens, portanto, tem se dado de maneira articulada a outros dois “combates produtivos” – pelo espaço e pela educação –, buscando

enfrentar as forças que bloqueiam [...] o pensamento de variar, de derivar, de delirar em outras direções que poderiam vir a ser potentes para se inventar outras maneiras de habitar o mundo, de habitar aquela coisa que gostaríamos tivesse um caráter mais vívido, mais desafiador e intrincado em nossas existências contemporâneas.

---

<sup>1</sup> Esse texto é, em grande medida, uma colagem de muitos parágrafos, parafrazeados e rearranjados para este contexto, de dois textos anteriores, a saber, *Grafiar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores* (2009) e *As geografias menores nas obras em vídeo de artistas contemporâneos* (2014). No primeiro deles busquei dar expressão (conceitual) para algo que se passava nas experimentações textuais e (audio)visuais que realizávamos desde o início dos anos 2000 e para o qual não havíamos encontrado um nome (um modo de expressá-lo) e, no segundo, busquei explicitar certos sentidos e potencialidades que se dobraram na expressão “geografias menores”, bem como operar com ela na escrita-pensamento sobre algumas obras audiovisuais.

<sup>2</sup> Esse texto é um desdobramento dos apontamentos escritos para a conferência homônima proferida no *IV Seminário Nacional sobre múltiplas territorialidades e IV Seminário Internacional sobre microterritorialidades nas cidades: visibilidades, escalas geográficas e desafios metodológicos*, ocorrido na Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 2016. Agradeço à organização do evento o convite e a hospitalidade, bem como o desafio proposto.

<sup>3</sup> Agradeço as preciosas sugestões de alteração propostas pelas leitoras da versão inicial desse texto: Ana Maria Preve e Gisele Girardi.

Estes combates produtivos se dão, portanto, em criar variações naquilo que está bloqueado. Em nosso caso, produzir devires nas linguagens e(m) imagens, na geografia e na educação.

[...] Em breve resumo, seriam estes os três combates:

1. Combate no campo das imagens: assumindo a inerente dimensão educativa e subjetivadora que as imagens têm em si mesmas (assim como qualquer objeto da cultura) nos voltamos a fazer experiências e proposições de como poderíamos e podemos lidar com as imagens de outras maneiras de modo a desacostumar, a nós mesmos e aos professores e alunos de maneira geral, os sentidos e significados que damos a elas. Por exemplo: buscamos fazer a fotografia e as obras audiovisuais **escaparem** do sentido habitual de documento do real, de prova factual-verídica da existência de algo, de neutralidade capaz de nos dar a ver a realidade em si mesma, considerando, sobretudo, que a forma de mostrar este algo é também parte dos sentidos e significados que se expressam numa certa imagem. Para todos os participantes [da Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”] [...] a principal ação educativa (subjetivadora) de uma imagem é nos dizer como devemos experimentar a imagem, nos expormos a ela, **como imagem**.

2. Combate no campo do (conceito de) espaço: assumindo que o pensamento espacial geográfico tem sido, de certa maneira, aprisionado numa concepção redutora do que seja o espaço: como algo extensivo, sobre o qual se dispõem as coisas; como algo que se dá fora das imagens, as quais simplesmente o capturariam/registraríamos, sem que ele ganhasse existência também como/nas/atraves das imagens. Para nós, **o espaço é tomado como algo expresso nas obras** – mapas, fotografias, vídeos... – e não como algo ali representado. Espaço como algo que se configura na intensidade da vida (das/nas imagens) e não como uma superfície sobre a qual a vida se dá. Espaço como composições eventuais de trajetórias-forças coetâneas, humanas e inumanas, que negociam poderes-relações a cada momento-lugar, estando todas elas sempre em devir, abertas para o porvir, para outras composições espaciais que se façam existir.

3. Combate no campo da educação: que pode ser realizado **sobre/com as forças-trajetórias inumanas** que compõem a educação contemporânea (tanto escolar como não escolar), ao criarmos ou lidarmos com imagens que fogem dos sentidos e lugares culturais já estabelecidos para elas (seja dentro ou fora dos percursos escolares), uma vez que, ao forçarmos o aparecimento de outras formas imagéticas em atividades educativas, estamos forçando também os professores e alunos a terem que lidar com as imagens (as novas e as já institucionalizadas) a partir de outras possibilidades de pensamento e criação, fazendo com que as imagens (seus usos, sentidos, significados, expressividades...) entrem em devir. Mas há muitas experiências [...] que vêm realizando este combate na educação **diretamente sobre/com as forças-trajetórias humanas** – sobretudo docentes –, ao promover experimentações em práticas formativas de professores, de modo que eles pensem em possíveis percursos curriculares que não se apoiem no saber escolar como acúmulo de informações e opiniões (há várias buscas de ruptura com a educação como informação), mas sim tomando este saber escolar como algo que prolifera pensamentos. Nestas experimentações também se busca que estes professores venham a lidar com as imagens e linguagens de maneira menos prescritiva-gramatical (informação onde o pensamento para, se estabiliza) e mais aberta-expressiva (obra onde o pensamento acontece, prolifera, sem negar a informação nela presente, mas escapando deste sentido único instituído a elas nos ambientes escolares). (OLIVEIRA JR, 2013, p.304-306)

Em todos esses combates interligados busca-se devolver às imagens o sentido e a potência de linguagem, ao evidenciar que há algo expresso nelas, e não (só) que há algo, ausente, ali representado<sup>4</sup>. Em outras palavras, busca-se trazer a presença das imagens

<sup>4</sup> Pode-se dizer que as imagens tornadas meras representações fazem o papel de palavras de ordem (imagens de ordem) que “marcam paradas, composições estratificadas, organizadas” e que nosso combate pelas imagens implica numa busca de torná-las “passagens, componentes de passagem”, entendendo que “a mesma coisa, a mesma palavra [imagem], tem sem dúvida essa dupla natureza: é preciso extrair uma da outra – transformar as composições de ordem em componentes de passagens” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.62).

como imagens, como objetos da cultura que atuam em nossos pensamentos e, portanto, nos educam através delas.

Nesse sentido, na esteira de Oneto (2009) e Aspis (2010), podemos dizer que esses combates têm se dado como resistência, salientando que

a ideia de resistência aqui não é a da contraposição ou a da superação de uma coisa por outra tida como melhor. Resistir é da ordem do colocar em devir alguma coisa para que ela comporte nela mesma outras potencialidades. Resistir é busca de proliferação, é fazer existir alguma coisa desde dentro dela mesma: re-existir se e quando se é conectado a outros elementos que antes não compunham aquela coisa – a educação, a geografia, a fotografia, a cartografia, o vídeo, o espaço... (OLIVEIRA JR, 2013, p.303)

## A pesquisa e os intercessores

Uma pesquisa, assim como seus combates, não surge do nada. Ela é sempre articulada pelos e com os intercessores. Nas palavras de um de meus principais intercessores bibliográficos, “eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê” (DELEUZE, 2013, p.160).

Certamente não reconheço todos os intercessores que atuaram naquele contexto inicial onde apareceram pela primeira vez as “geografias menores”<sup>5</sup>. Mas com certeza posso afirmar que os artigos e os autores publicados no dossiê *A educação pelas imagens e suas geografias* (OLIVEIRA JR; GIRARDI, 2009) o foram<sup>6</sup>, uma vez que foi neles que identifiquei pulsar forças-potências menores para fazer derivar o pensamento maior da Geografia:

Todas essas derivas [que emergem dos artigos] buscam apontar devires possíveis ao pensamento geográfico a partir da potência que a mirada sobre as imagens traz até ele, atravessando-o com novas possibilidades de criação; com um punhado de geografias menores que brotam das colisões, dos embates e das aproximações entre os estudos que apontam a forte presença de uma educação pelas imagens nos dias atuais e os pensamentos acerca do espaço geográfico que surgem dela. (OLIVEIRA JR, 2009, p.27)

Outros intercessores que reconheço foram e são os alunos que cursaram as disciplinas de graduação e pós-graduação que ofereci naqueles anos, bem como meus companheiros

---

<sup>5</sup> No título e na argumentação do texto *Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores* (citado na nota número 1), que é também a apresentação do Dossiê *A educação pelas imagens e suas geografias*. Partes dessa primeira aparição textual das “geografias menores” reaparecem transcritas mais adiante nesse texto.

<sup>6</sup> Cabe dizer que a maior parte dos autores desses artigos vieram a constituir o “povo que faltava” naquele momento, povo hoje reunido na Rede Internacional de Pesquisa Imagens, Geografias e Educação, a qual tem realizado eventos e publicado materiais diversos que efetivam os três combates antes apontados – pelas imagens, pelo espaço, pela educação – de maneiras muito diversas. Além disso, a Rede mantém o site [www.geoimagens.net](http://www.geoimagens.net) onde estão postadas muitas de nossas criações em imagens e palavras, assim como os anais dos três últimos colóquios *A educação pelas imagens e suas geografias*.

do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO, da Faculdade de Educação da Unicamp, em especial o professor Antônio Carlos Rodrigues de Amorim<sup>7</sup>, por cujas mãos entrei em contato com os escritos de Gilles Deleuze e outros autores da Filosofia da Diferença.

A expressão “geografias menores” é diretamente tributária de meu contato e contágio por alguns conceitos dessa Filosofia, sobretudo os de “menor” e “minoridade”. Menor é um conceito-chave na filosofia produzida por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Aparece pela primeira vez em *Kafka, por uma literatura menor* (DELEUZE; GUATTARI, 2003), desdobrando-se e misturando-se com outros conceitos, tais como resistência e fabulação, que atravessam algumas das obras de Gilles Deleuze (1997, 2007, 2010) e também em *Mil platôs* (1995, 1997a, 1997b, 2011, 2012), escrito por esse autor em parceria com Félix Guattari.

Para além desses dois escritos e autores, outros também foram intercessores em meu percurso de cunhagem dessa expressão, em especial Ana Godoy, com *A menor das ecologias* (2008), Sílvio Gallo, com as variantes e variações *Em torno de uma educação menor* (2002, 2008) e Ronald Bogue, em sua argumentação “Por uma teoria deleuziana da fabulação” (2011).

Nesse artigo de Bogue, lemos que

Em *Kafka: por uma literatura menor*, Deleuze e Guattari elaboraram o elemento diagnóstico do trabalho de Kafka como um médico da cultura, enfatizando que ele era um escritor político metuculoso, cuja ficção confronta e transforma diretamente os signos e as forças de seu mundo a partir de uma experimentação no real. Esse componente diagnóstico da escrita kafkaniana, afirma Deleuze e Guattari, pode ser visto na prática de Kafka como um “escritor menor”, que produz “literatura menor”, que eles definem como aquela que (1) é imediatamente social e política; (2) constrói um “agenciamento coletivo de enunciação” e (3) faz uso de uma língua com “forte coeficiente de desterritorialização”. (BOGUE, 2011, p.18-19)

Trago a seguir algumas citações do livro *Kafka, por uma literatura menor*, entrecruzadas às dos outros autores citados como intercessores, tencionando dois caminhos de leitura e pensamento: 1. apontar como as três características da literatura menor listadas ao final da citação de Ronald Bogue se dão simultaneamente no combate travado pelas línguas de minorias no interior (e na expansão) de uma língua maior e 2.

---

<sup>7</sup> Cabe dizer que os indivíduos são entendidos como máquinas abstratas configuradas por/sob algum agenciamento coletivo de enunciação (ver mais adiante no artigo); portanto, não há aqui “nenhum primado do indivíduo, mas indissolubilidade de um Abstrato singular e de um Concreto coletivo. A máquina abstrata não existe mais independentemente do agenciamento, assim como o agenciamento não funciona independentemente da máquina”, lembrando que “a máquina abstrata é sempre singular, designada por um nome próprio, de grupo ou de indivíduo, ao passo que o agenciamento de enunciação é sempre coletivo, no indivíduo como no grupo” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.48).

dar pistas ao leitor de que, a despeito de a expressão grafar “geografias menores”, o combate efetivo que tenho realizado não se dá propriamente na Geografia, mas sim na linguagem, mais especificamente naquelas linguagens que se configuram enquanto imagens e nas suas obras que, talvez, possam vir a ter potência para efetivar os dois outros combates anteriormente indicados: pelo espaço e pela educação. Em outras palavras, o combate se dá na busca por outras potências para se grafar o espaço – geogarfar –, abrindo-o a outras possibilidades de pensamento, “onde possa ter uma vida nova mais produtiva” (MASSEY, 2008, p.42), trazendo a este texto minha principal intercessora na matéria geográfica do mundo. O combate dessa geógrafa, assim como o meu, é encontrar conceitos e estratégias para que o espaço seja pensado como heterogêneo, vívido e sempre aberto a novos devires.

### Entre citações e experimentações: língua, linguagem e obras

A literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes à língua que uma minoria constrói numa língua maior. E a primeira característica é que a língua, de qualquer modo, é afectada por um forte coeficiente de desterritorialização. Kafka, nesse sentido, define o impasse que impede o acesso aos judeus de Praga e faz da literatura algo de impossível: impossibilidade de não escrever, impossibilidade de escrever em alemão, impossibilidade de escrever de outra maneira. (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p.38)

Importante aqui notar que a impossibilidade apontada pelos autores é de duas ordens. A primeira é da ordem da pressão que um corpo sofre pelas matérias do mundo, sendo obrigado a dar passagem a elas de uma determinada maneira; por isso, para Kafka era impossível escrever de outra maneira. A segunda delas é da mesma ordem que o bloqueio apontado na primeira parte deste texto: o impedimento de que algo se expresse, de que uma minoria habite o mundo, porque assim agem as forças das normas estabelecidas, seja a “norma territorializada” da língua alemã como única possível para se fazer literatura na Praga da época de Kafka, seja, neste caso, a “norma territorializada” das imagens tomadas como meras representações (daquilo que está ausente) na Geografia Escolar – e na escola de maneira geral – nos dias atuais.

Chamo de “norma territorializada” tanto porque ela se afirma em um território extensivo (no sentido geográfico habitual, de um local mapeável) quanto porque ela própria cria um território (no sentido de significação e poder) configurado por um conjunto de signos e significados que forcem o pensamento a pensar de um certo modo, e os corpos a agir a partir disso. É justamente nesse segundo território que uma literatura menor tem seu maior coeficiente de desterritorialização – justamente ao fazer com que,

no exemplo da ficção kafkaniana, sua escrita em alemão promova “a desterritorialização da própria população alemã” através de sua língua que, ao ser utilizada por Kafka, foge de seus usos habituais e, portanto, é desterritorializada.

De forma semelhante, ao criarmos obras que tocam em “questões geográficas” com as imagens – fotografias, filmes, mapas... –, fraturando-as em seus signos e significados habituais – geografia maior – de representação e ilustração, desterritorializa-se aquela linguagem que sustenta nossos entendimentos geográficos, uma vez que estamos a grafar o espaço com outros signos ou com os mesmos signos, forçados a ter significados (potências) distintos dos habituais. Afirmamos aqui que nossos entendimentos geográficos – nossa educação geográfica, por assim dizer – se dão *através* das imagens, e não a partir delas. Ou seja, somente ao significá-las como representação ou ilustração de algo ausente é que podemos entender – e falar – sobre aquela “questão geográfica” ausente (mas presente *como* representação ou ilustração), como se ela estivesse ali, diante de nós, representada em fotografias, filmes ou mapas.

Quando a própria imagem escapa desse significado habitual, ela faz fugir também toda a linguagem que sustenta sua “leitura” e os entendimentos daí desdobrados. É nessa perspectiva que outros tipos de imagens podem fazer emergir outras geografias, outras grafias do espaço, efetivadas nessa aposta como geografias menores, justamente por desterritorializar a geografia maior em um de seus amparos de entendimento: as imagens como representações ou ilustrações (de algo ausente). A mesma perspectiva pode ser dita no que se refere à desterritorialização da educação maior, bem como da geografia escolar habitual – maior – que se configura na interface entre os campos maiores da geografia e da educação.

A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da LDB, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos.

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância.

Se a educação maior é produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressa nos documentos, a educação menor está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um.

[...]

A educação menor é rizomática, segmentada, fragmentária, não está preocupada com a instauração de nenhuma falsa totalidade. Não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta unidade perdida. Não se trata de buscar a integração dos saberes. Importa fazer rizoma. Viabilizar conexões e



conexões; conexões sempre novas. (GALLO, 2002, p.173 e 175)

Do mesmo modo, ao tomar obras em imagens já existentes – fotografias, filmes, mapas..., mas também pinturas, colagens, memes... – como mote para “escritas ou outras práticas geográficas” que atuem no e como pensamento espacial-geográfico, realizo uma militância pelas imagens, um combate através delas pelo espaço e pela educação. Nesse combate tenciono fazer essas imagens funcionarem para além e aquém da representação ou da ilustração de algo ausente nelas, mas sim como presença de algo – da própria imagem – que pode *também* ter significado de representação ou ilustração, porém não só, uma vez que o significado de mera representação ou ilustração não irá se sustentar.

Essa tática faz com que as imagens sejam notadas como parte da “questão geográfica” (da “questão educacional”) passível de ser ali entrevista ou de emergir (d)ali com outros sentidos e significados (OLIVEIRA JR, 2015). Talvez ainda mais: fazer emergir ali signos sem sentido ou significado, signos que forçam, como escreveu Deleuze, o pensamento a pensar, signos que tanto podem nos lançar no caos quanto fazer emergir outras potências no pensamento espacial-geográfico (educacional), ao fazê-lo variar e encontrar outras paragens, outras vizinhanças, outras conexões em que encontre pistas para lidarmos com as novas experiências espaciais (educativas) que configuram corpos e subjetividades no espaço e no lugar onde vivemos.

Lembro que essas obras em imagens são tomadas sempre como experimentações, as quais, como citado acima, “confrontam e transformam diretamente os signos e as forças de seu mundo a partir de uma experimentação no real” (BOGUE, 2011, p.18). A força de muitas dessas experimentações com imagens está justamente em não se saber por quais pensamentos e sensações acerca do espaço essas obras irão levar aqueles que com elas tiverem encontros. É por isso que essas “obras experimentais” têm, inevitavelmente, um caráter social e político – outra característica da literatura menor, porque “uma outra história [geografia] se agita em seu interior”. Essa “outra história” (essa outra geografia) que a literatura menor faz emergir é aquela vivida e expressada por um membro, o escritor-experimentador (o pesquisador-experimentador), de alguma minoria populacional. No contexto de uma população, toda minoria ocupa um espaço exíguo de expressão e

o seu espaço, exíguo, faz com que todas as questões individuais estejam imediatamente ligadas à política. A questão individual, ampliada ao microscópio, torna-se muito mais necessária, indispensável, porque uma outra história se agita em seu interior. (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p.39)

Essa exiguidade espacial torna social tudo aquilo que é vivido de maneira individual, minoritária, na sociedade, bem como leva “o campo político a contaminar o enunciado todo” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 40) que o escritor-experimentador expressa, fazendo com que se efetive a terceira característica da literatura menor: o agenciamento coletivo de enunciação. Por isso, nesse tipo de atuação literário-expressiva o indivíduo desaparece, pois aí “não há sujeito, só há *agenciamentos coletivos de enunciação* – e a literatura exprime esses agenciamentos, nas condições em que não são considerados exteriormente, e onde eles existem apenas como forças diabólicas por vir ou como forças revolucionárias a construir” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p.41, destaques do original).

Em outras palavras, o que é expresso por um indivíduo é manifestação de uma minoria social, ao mesmo tempo que agencia essa coletividade, uma vez que esse indivíduo escritor-experimentador “sofre” a pressão das mesmas matérias do mundo que os demais indivíduos dessa minoria. É nesse sentido que um escritor (pesquisador) menor não é pequeno ou infantil, pois é aquele que dá expressão a uma minoria. Os “escritores menores assumem seus papéis de médiuns de uma voz coletiva, através da qual lutam para criar uma comunidade singular, que, infelizmente, ainda não existe” (BOGUE, 2011, p.19). Paradoxalmente, ao dar expressão a algo que antes não era sensível, essa voz, essa escrita, essa língua, essa literatura (geografia) menor têm a potência revolucionária e diabólica de agenciar um povo porvir, uma comunidade que ainda não existe, e que só virá a existir se e quando tomar aquilo que foi inaugurado nessa voz-escrita (geografia) menor como a matéria viva e comum dessa comunidade.

Foi exatamente nessa perspectiva que escrevi a nota de rodapé número 6, em que denomino como “povo que faltava” aos pesquisadores da Rede Imagens, Geografias e Educação, a qual emergiu e constituiu-se, em torno dessas obras-experimentações, em imagens e textos que expressam uma minoria, no interior da educação e da geografia, que se vê impossibilitada de expressar(-se) com as imagens habituais, representacionais e ilustrativas. Essa minoria-Rede buscou, e segue buscando em tudo que faz, experimentar outros modos de fazer funcionar as imagens em suas relações com a educação e a geografia. “Essas obras literárias [em imagens] não ‘significam’, mas funcionam” (BOGUE, 2011, p.22), tendo o verbo “funcionar” o sentido de máquina que produz, que põe algo em funcionamento – nesse caso, relações entre as imagens e a geografia, entre as imagens e a educação, relações essas que estariam aquém e além da representação ou da ilustração.

Inspirada nesses autores, a expressão “geografias menores” foi criada na busca de dar palavras para aquelas obras que escavam o chão já existente das relações entre as imagens e a geografia, em especial a geografia escolar, de modo a conseguir, através das novas conexões que se abrem, “escrever como um cão que faz um buraco, um rato que faz a toca. E, por isso, encontrar o seu [meu] próprio ponto de subdesenvolvimento, o seu [meu] patoá, o seu [meu] próprio terceiro mundo, o seu [meu] próprio deserto” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p.42). Deserto: onde não há, ainda, nada construído, nenhuma significação *a priori*, onde a vida – do pensamento – flui sem bloqueios prévios ou mesmo sem garantias prévias. A expressão “geografias menores” busca, portanto, acolher as obras em imagens e palavras que forçam as imagens a “devir como o nómada, o imigrante e o cigano de sua própria língua [geografia]” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p.43), atuando como um novo conceito e uma nova sensibilidade – um novo possível – na política de pensamento da educação e da geografia.

### Uma expressão no plural: apostas e perguntas

Ainda que o conceito original e meus intercessores utilizem a palavra “menor” no singular, a expressão “geografias menores” foi cunhada já no plural, com a intenção de expressar a multiplicidade e a pluralidade como forças de combate na expansão das margens da Geografia (Escolar), no contexto das relações desse campo do conhecimento com as linguagens (que se expressam) em imagens, tais como a fotografia, o cinema, a cartografia, a pintura (OLIVEIRA JR, 2009, 2010, 2013).

Em minha trajetória de professor de Geografia e de investigador da educação visual contemporânea, as relações existentes entre imagens e geografia sempre estiveram presentes como questão de pesquisa e experimentação. A Geografia é um conhecimento fortemente vinculado às imagens (LOIS; HOLLMAN, 2013) que lhe dão existência. Na construção do pensamento geográfico contemporâneo atuam imagens de muitos tipos: cartográficas, de satélite, fotográficas, pictóricas, audiovisuais etc. Experimentar a criação de imagens que se efetivem como geografias menores, ou apontar artistas e obras em imagens que dão a chance de grafar minoritariamente o espaço tem sido uma maneira de intensificar as potências das imagens na expressão das questões espaciais que nos afetam contemporaneamente.

Esta preocupação de pesquisa, associada ou não às experimentações com imagens, tem se tornado mais significativa na medida do reconhecimento de que nos

falta linguagem para expressar muitas das experiências espaciais atuais, levando-nos, como professores (e geógrafos), a fazer variadas perguntas: como dizer (d)estas novas experiências espaciais nas linguagens de que já dispomos?; a exemplo do que vem ocorrendo no Brasil recentemente, com as amplas manifestações populares de rua-rede, como encontrar novas expressões que venham dar passagem – testemunhar<sup>8</sup> (VILELA, 2010) – essas novas experiências espaciais que se efetivam num espaço intervalar que ganha existência no entre rua e rede?; teriam as imagens maior potência em fazer resistir as linguagens, forçando-as a re-existir em planos mais sensíveis para expressar essas novas experiências?; teriam as imagens artísticas ainda maior potência para isso, na medida mesma que tornam sensível o real que ainda não compõe a realidade?

É nesse sentido que sigo pesquisando obras visuais e audiovisuais de alguns artistas, nas quais grafias espaciais (geografias menores) estariam sendo disponibilizadas para pensar nosso mundo. Mas as perguntas seguem: teriam obras artísticas potência para testemunhar quais destas experiências espaciais ainda sem expressão?; as imagens visuais e audiovisuais, notadamente aquelas investidas de “vontade de arte” (ONETO, 2009), poderiam contribuir para nos dar linguagem para expressar esses novos espaços intervalares que ganham existência em nossas experiências contemporâneas?; o que poderiam imagens que não visam explicar ou ilustrar?; o que poderiam imagens que não visam informar ou comunicar? Em resposta a essas perguntas, nossas pesquisas e experimentações permitem afirmar que a perspectiva informativa e comunicativa a que está relegada a maior parte das imagens que circulam nos ambientes e em produtos geográficos e escolares, e que se colocam ali com a intenção de somente ilustrar ou explicar algo que se dá fora delas – portanto, como representação –, tem limitado a potência das imagens como linguagem expressiva.

Essas perguntas e a afirmação acima são particularmente atinentes aos campos da Educação e da Geografia Escolar, uma vez que as imagens estão ali sempre visando explicar, ilustrar, informar e comunicar.

Apesar da afirmação que as sucede, sabemos que todas elas são perguntas complexas, porque desarrumam os sentidos com os quais as imagens foram localizadas nas

---

<sup>8</sup> “Num mundo como o nosso, onde o novo pulula a cada esquina e a cada clique, é preciso inventar a linguagem a cada novo acontecimento para que se abra nela um novo *possível* onde possa gestar-se o testemunho (VILELA, 2010) dos muitos acontecimentos que se apresentam como indizíveis de tão novos que são. É preciso investir *contra* a linguagem em busca de fazê-la outra para expressar este indizível, ainda que saibamos que este testemunho dado não nos dirá o fato, mas sim a sua reverberação no corpo que testemunha em linguagem o acontecimento. [...] O testemunho se dá no encontro com o inumano – linguagem – que nos atravessa. Para que ele se faça é preciso deslocar nosso engajamento do humano (formação ou desfiguração do professor) para o inumano (mobilização das linguagens), que, a despeito de sua inumanidade, é mais humana que o humano pois o constitui: ser humano é ser de linguagem. Mas não me refiro aqui à linguagem como coisa sempre-já dada, mas sim como algo em movimento e desequilíbrio, que se esgarça e se atormenta em nossos corpos que desejam testemunhar o novo que lhes acontece” (OLIVEIRA JR, 2017, p.1162-1163).

instituições e nos materiais educativos. Elas não possuem respostas fáceis, mas balançam as certezas e colocam em movimento relações antes estáticas – entre imagens e geografia, entre imagens e educação –, fazendo com que se abram possibilidades para pensar as imagens em composições outras, as quais poderiam trazer maiores potencialidades para que crianças e jovens (e também professores) possam dar expressão às suas experiências vividas.

Seriam elas perguntas pertinentes também à Geografia?

Alguns geógrafos e professores de Geografia da rede de investigação da qual participo, Imagens, Geografias e Educação, têm pesquisado e criado imagens que visam fazer emergir geografias menores, e têm também se utilizado da expressão “geografias menores” como conceito operativo em seus escritos-pensamentos. Nas publicações dos pesquisadores dessa rede podem ser encontrados, inclusive, desvios aos sentidos iniciais dados por mim a essa expressão.

Assim como ocorre com a maioria dos conceitos, outros sentidos se dobraram sobre essa expressão em escritos mais recentes, operando como estratégia de pensamento e escrita. Mesmo eu, como não filósofo, permaneço mais interessado em experimentar as potencialidades de tal conceito-expressão como ferramenta que me auxilia a escrever e a pensar, entendendo pensar como um ato em tudo semelhante a criar. Dessa maneira, não busquei definir o que viriam a ser essas geografias menores, mas sim operar com elas nos combates e nas experimentações com imagens que mobilizam algum pensamento espacial-geográfico.

Para efeito deste texto, retomo aqui um parágrafo de outro artigo, no qual busquei indicar o sentido mais comum que tenho dado a essa expressão.

Geografias menores são forças minoritárias que se agitam no interior da Geografia maior. Não existem como formas acabadas, mas como potência de devir naquilo que já está estabelecido. Seriam, portanto, todas aquelas forças (conceituais, formais, temáticas, metodológicas etc.) que operam rupturas, fraturas e esburacamentos, oscilações, dúvidas e incorporações novas naquilo que antes já era Geografia. São antes aquilo que promove outras conexões e possibilidades, não necessariamente rompimentos ou negações; ampliam as margens em que o pensamento geográfico se dá, abrindo nele novos possíveis. (OLIVEIRA JR, 2014, p.526)

Nas frases acima podem-se notar os ventos que ainda sopram das conexões que fiz com os escritos de Ana Godoy, minha intercessora mais direta no momento em que escrevi pela primeira vez essa expressão na Apresentação do dossiê *A educação pelas imagens e suas geografias* (OLIVEIRA JR, 2009), conforme pode ser notado nos vários parágrafos parafraseados a seguir, copiados quase literalmente da citada Apresentação.

*Tomo os escritos presentes neste dossiê como geografias menores, dando a eles sentidos semelhantes aos que Ana Godoy deu à menor das ecologias. Estas são resultantes de um processo de pensamento em “experimentação ativa: não se sabe de antemão aonde se vai chegar, tampouco quais encontros se darão pelo caminho” (GODOY, 2008, p.52). Esta autora diz também que*

a menor das ecologias não se confunde com uma ecologia de minorias ou alternativa; ela não diz respeito ao reconhecimento e à inclusão de grupos minoritários dentro de um padrão majoritário; [...] trata-se de experimentar outros arranjos, inventando outras maquinações, que possibilitem levar os conceitos e as noções ao máximo de sua potência. (GODOY, 2008, p.59)

Conceitos e noções esses já presentes na tradição da ecologia (geografia) maior, ou então vindos de fora dela, trazidos pelas ecologias (geografias) menores gestadas nas maquinações e nos arranjos novos, inusitados. Dessa forma, é preciso tomar as ecologias (geografias) menores como insinuações

em práticas que não são necessariamente reconhecidas como ecológicas [geográficas], fazendo com que as noções criadas pela ecologia [geografia] maior se tornem temas, pequenas peças que, em vez de significar - longe disso -, funcionam, como numa máquina: o que se faz é desmontá-los para extrair outras e novas tonalidades - fazê-los variar -, de maneira que a máquina, tal como Deleuze e Guattari a concebem, seja [...] menos uma crítica do que uma potência analítica das forças em combate. (GODOY, 2008, p.60)

Combate esse que se situa diante de nós como a possibilidade mesma de expandir os pensamentos que já circulam pela ecologia (geografia) maior, lembrando sempre que

a menor das ecologias [geografias] não corresponde a uma "boa" forma que se contraporá a uma "má" forma. Antes, ela remete a esta agitação molecular, subsistente na forma sem se adequar a ela, a uma potência de devir, que abala a forma, investindo força sobre a matéria que ela circunscreve. Toma-se a ecologia [geografia] como material de invenção, fazendo-a bifurcar e variar continuamente [...] [numa] deriva generalizada. (GODOY, 2008, p.75)

Importante dizer que se deriva desde dentro da ecologia (geografia) maior, fazendo com que a própria Ecologia (Geografia) entre em deriva, ao ampliar suas margens.

Naquele contexto de Apresentação de um dossiê cujo tema eram as múltiplas interfaces extraídas do encontro entre a Geografia e as imagens, todas as derivas provocadas na Geografia por aquilo que nomeei “geografias menores” buscavam apontar devires possíveis ao pensamento geográfico, a partir da potência que a mirada sobre as

imagens trazia até ele, atravessando-o com novas possibilidades de criação. Aqueles artigos, e muitos outros, expunham um punhado de forças-potências de expansão do pensamento geográfico, que brotam das colisões, dos embates e das aproximações entre os estudos que apontam a forte presença de uma educação pelas imagens nos dias atuais e os pensamentos acerca do espaço geográfico, que surgem dela. Chamei de geografias menores a todas as forças-potências minoritárias que produzem processos de variação contínua na geografia maior, entendendo que “o modo maior e o modo menor são dois tratamentos da língua [geografia]: um consistindo em extrair dela constantes; outro, em colocá-la em variação contínua” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.57), para impedi-la de se enrijecer em torno de constantes que moldam modelos. Tratava-se, portanto, de assumir um combate pelo devir, de buscar nomear alguns potenciais devires, e não de distinguir uma coisa de outra: “O problema não é o de uma distinção entre língua [geografia] maior e língua [geografia] menor, mas o de um devir. A questão não é a de se reterritorializar em um dialeto ou em um patuá, mas de desterritorializar a língua [geografia] maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.54), reduzindo seu potencial de engessamento e contenção.

Nesse sentido, o que opera na expressão “geografias menores” é a força da minoria.

A noção de *minoría*, com suas remissões musicais, literárias, linguísticas, mas também jurídicas, políticas, é bastante complexa. Minoría e maioria não se opõem apenas de uma maneira quantitativa. Maioria implica uma constante, de expressão ou de conteúdo, como um metro padrão em relação ao qual ela é avaliada. Suponhamos que a constante ou metro seja homem-branco-masculino-adulto-habitante de cidades-falante de uma língua padrão-europeu-heterossexual qualquer. [...] É evidente que “o homem” tem a maioria, mesmo se é menos numeroso que os mosquitos, as crianças, as mulheres, os negros, os camponeses, os homossexuais... etc. É porque ele aparece duas vezes, uma vez na constante, uma vez na variável de onde se extrai a constante. A maioria supõe um estado de poder e de dominação, e não o contrário. Supõe o metro padrão e não o contrário. [...] Uma outra determinação diferente da constante seria então considerada como minoritária, por natureza e qualquer que seja seu número, isto é, como um subsistema ou como fora do sistema. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.55, grifos do original)

A força-potência da minoria opera, portanto, no tensionamento do poder e da dominação, que estabelece e mantém um padrão, e por isso mesmo atua como força de desterritorialização e não de reterritorialização, ainda que esta última possa vir a ocorrer quando algum subsistema minoritário for tomado como constante e passe a atuar como parte do continente (geografia) maior no qual o pensamento deva se conter num certo padrão. No entanto, em nossos combates não há essa intenção, uma vez que não nos é possível prever quando e como aquilo que atuou e atua como geografia menor deixa de

operar como potência minoritária, uma vez que a força de minoria funciona como um vir a ser, traduzido de maneira bela pelo poeta José Paulo Paes: “menormenormenorme”.

## Referências Bibliográficas

ASPIS, Renata Lima. Resistências nas sociedades de controle: um ensino de filosofia e sub-versões. In: AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de; GALLO, Sílvio; OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de (orgs.). **Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e ...** Rio de Janeiro: DP et Alii, 2010.

BOGUE, Ronald. Por uma teoria deleuziana da fabulação. In: AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de; MARQUES, Davina; DIAS, Susana (orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis: DP et Alii; Campinas: ALB, 2011. p. 17-36

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon – Lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DELEUZE, Gilles. O esgotado. In: DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O esgotado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Volume 4. São Paulo: Editora 34, 1997a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Volume 5. São Paulo: Editora 34, 1997b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka, para uma literatura menor**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Volume 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Volume 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Revista Educação e Realidade**. V. 27, n. 2. Porto Alegre, 2002. p. 169-178. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926> Acesso em: 14 de junho 2019.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Edusp, 2008.

LOIS, Carla; HOLLMAN, Verónica. **Geografía y cultura visual: los usos de las imágenes en las reflexiones sobre el espacio**. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2013.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 17-28. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072009000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072009000300002) Acesso em: 14 de junho 2019.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Vídeos, resistências e geografias menores - linguagens e maneiras contemporâneas de resistir. **Revista Terra Livre**, p. 161-176, 2010. Disponível em:



<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/316> Acesso em: 14 de junho 2019.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Combates e experimentações: singularidades do comum. In: FERRAZ, Cláudio Benito de Oliveira; NUNES, Flaviana Gasparotti (org.). **Imagens, geografias e Educação** - intenções, dispersões e articulações. Dourados: Editora da UFGD, 2013. p. 303-314. E-book.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. As geografias menores nas obras em vídeo de artistas contemporâneos. In: COLÓQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA, 14., 2014, Guimarães. **Atas ...** Guimarães: Associação Portuguesa de Geógrafos e Departamento de Geografia da Universidade do Minho, 2014. v. 1. p. 526-532. Disponível em: [https://www.dropbox.com/s/lefq2jwmale006r/Livro\\_Atas\\_xiv\\_cig.pdf?dl=0](https://www.dropbox.com/s/lefq2jwmale006r/Livro_Atas_xiv_cig.pdf?dl=0) Acesso em: 14 de junho 2019.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Imagens desabam *sobre* paisagens – Acidente e imagens acidentais em Cao Guimarães. In: AZEVEDO, Ana Francisca; CERAROLS, Rosa; OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. (orgs.) **Intervalo: entre geografias e cinemas**. Volume II. Braga, Editora da Uminho, 2015. p. 317-345. E-book. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/38633> Acesso em: 14 de junho 2019.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Em busca do lá – educação, espaço e linguagem. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 1161-1182, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362017005004105&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362017005004105&script=sci_abstract) Acesso em: 14 de junho 2019.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de; GIRARDI, Gisele (orgs.). A educação pelas imagens e suas geografias (dossiê). **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/issue/view/1006/showToc> Acesso em: 14 de junho 2019.

ONETO, Paulo Domenech. A que e como resistimos: Deleuze e as artes. In: LINS, Daniel (org.). **Nietzsche e Deleuze** – arte e resistência. Fortaleza: Forense Universitária, 2009.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari. **Revista Ipotesi** – revista de estudos literários, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 59-70. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/12/As-pr%C3%A1ticas-de-uma.pdf> Acesso em: 14 de junho 2019.

VILELA, Eugénia. **Silêncios tangíveis** – corpo, resistência e testemunho nos espaços contemporâneos de abandono. Porto: Afrontamento, 2010.

Recebido em 30 de outubro de 2018.

Aceito para publicação em 15 de junho de 2019.